



CORÍNTIOS PARA VOCÊ!

EXPOSIÇÃO DA CARTA AOS CORÍNTIOS
1º CARTA

AULA IV: Capítulos 6 e 8

Prof. Eliel Queres Santana

Capítulo 6

COMO NÃO RESOLVER AS INTRIGAS NA IGREJA

Capítulo 6:1 ao 4

Temos visto que um dos grandes problemas da igreja de Corinto eram as divisões, rivalidades e facções entre os irmãos. O que não sabíamos, até então, é que como resultado dessas confusões internas os crentes estavam levando suas causas perante os tribunais. Neste capítulo observamos que Paulo os repreende severamente.

Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? (1 Coríntios 6:1)

A primeira verdade que o versículo 1 nos revela é que haviam irmãos tendo “questão contra o outro”. Em primeiro lugar, vale destacar que, em uma comunidade de pecadores, dificilmente não haverá intrigas e dissensões. Porém, como esses pecadores foram lavados e remidos pelo sangue de Cristo, espera-se que eles possam resolver os seus problemas exercitando o perdão, assim como receberam-no da parte de Deus. Por isso, Paulo começa a lhes dar uma série de conselhos sobre como resolver esses problemas. Ainda no versículo 1, ele nos mostra a forma como não resolver as intrigas: “aventura-se (...) a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos?” (v.1, ARA). O problema não deveria ser levado para fora da igreja, mas tratado internamente. O comentário bíblico Moody faz a importante observação de que no capítulo anterior a igreja estava sendo negligente, não julgando os casos que tinham a obrigação de julgar, mas como se não bastasse isso, eles estavam levando seus casos para os de fora julgarem. Não deveria ser assim, e o motivo está no versículo 2 e 3:

Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida! (1 Coríntios 6:2-3)

Se os crentes estarão juntamente com Cristo ao julgar o mundo e também os anjos caídos, por que não poderiam julgar as coisas mínimas? Uma vez que estavam espiritualmente preparados para julgar o mundo e os anjos, como não poderiam resolver seus problemas entre si mesmos?

Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja. (1 Coríntios 6:4)

Ou seja, ao invés de resolverem as coisas entre vocês mesmos, que são capazes de julgar e discernir as coisas espirituais, vocês vão para os de fora, que nada tem a ver com vocês e que nem sequer possuem aceitação na igreja, para julgar os conflitos. Isso era vergonhoso para a igreja porque exalava mal testemunho e envergonhava o Evangelho. Mostrava que aqueles irmãos que deviam viver sob amor fraternal não estavam vivendo desse modo.

COMO RESOLVER AS INTRIGAS NA IGREJA

Capítulo 6:5 ao 8

Por isso, diferente de outros momentos em que Paulo fala que não dizia para envergonhá-los (C. 4 V. 14), agora ele diz para envergonhá-los:

“Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade?” 1 Coríntios 6:5

Neste versículo Paulo introduz, através de uma pergunta, qual seria a melhor solução para o problema, isto é, julgar entre eles mesmos com algum irmão sábio. O problema deveria, então, ser tratado internamente. É importante observarmos o simples fato de que o problema deveria ser tratado, o que é bem diferente de relevá-lo, ou encobri-lo. Paulo não pergunta se há algum sábio que possa encobrir o caso, mas sim alguém para julgar, para resolver de fato a intriga. Um dos grandes erros que podem ser cometidos na vida em comunidade é jogarmos os problemas para debaixo do tapete, relevá-los, enquanto deixamos uma amarga mágoa crescendo em nosso interior. A Palavra nos orienta a termos paz com todos, no que depende de nós, e que se temos algo contra nosso irmão, devemos antes de deixar uma oferta ao Senhor, nos reconciliarmos (Mt 5:24).

No versículo 7 aprendemos que somente o fato de existir intrigas entre eles era uma derrota: “O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros.” Os cristãos são irmãos em Cristo, existir entre eles qualquer desavença, já é por si só um sinal de derrota. A palavra usada para “derrota” e que também é traduzida por “falta” é *tenhottema* e significa “uma diminuição”, um “decréscimento”. O antônimo de *tenhottema* é *pleroma* e significa “cheio”, “o que se enche ou o que está cheio.” Em outras

palavras, podemos dizer que o fato de existir entre eles contendas estava fazendo com que eles murchassem, se esvaziassem, e decrescessem. E quão difícil é para a igreja local não acumular derrotas nesse sentido! Geralmente, assim como na igreja de corinto, formamos grupos em nossas comunidades locais, que formam divisões e que podem vir a causar dissensões. Isto não quer dizer que devemos ter o mesmo nível de afinidade com todos os irmãos, mas sim que devemos ter o mesmo nível de amor e respeito por todos. Mas, quando falhamos nesse sentido estamos decrescendo (*tethottema*) e murchando como comunidade cristã, ao invés de estarmos crescendo (*pleroma*).

Ainda no versículo 7 Paulo mostra uma outra alternativa para a solução do problema, talvez, a mais dolorosa: “Porque não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?” (v.7b, ARA). Paulo propõe algo completamente desafiante para o ego humano, que é abrir mão do que lhe é de direito em troca do bem maior: a harmonia entre os irmãos. Sofrer dano e injustiça deve ser aceitável se em troca manter a unidade e o vínculo entre os cristãos. Essa passagem faz consonância com a fala de Jesus em Lucas 6:29: “Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica.” Vivemos em uma sociedade que grita ardentemente pelos seus direitos. Ninguém quer ser prejudicado e ficar em prejuízo. Porém, Paulo está dizendo nesse versículo que é mais importante a unidade e o vínculo entre os irmãos do que a exigência por algum direito. Em outras palavras, um irmão poderia estar certo em sua queixa contra o outro, e mesmo assim, ter que abrir mão disso para que haja uma convivência pacífica. Isso só pode acontecer quando o cristão encontra a “liberdade resultante do auto esquecimento” da qual Timothy Keller fala em seu livro “Ego transformado”. Portanto, Paulo também está condenando o erro de não suportarem com paciência as injurias recebidas. Segundo João Calvino, isso não quer dizer que o cristão não possa buscar seus direitos: “não é fora de propósito que os cristãos busquem seus direitos com moderação, contanto que o amor não seja prejudicado.”(2003, p. 180). O cristão deve buscar seus direitos contanto que o amor não seja prejudicado, o que não era o caso que acontecia em Corinto. Para Calvino, tratava-se de uma situação em que realmente os “espíritos se inflamaram imoderadamente” (2003, p. 180).

No versículo 8 Paulo mostra que eles estavam fazendo o contrário daquilo que ele sugere como solução para o problema. Eles mesmos “cometem injustiças e causam prejuízos até contra os próprios irmãos.” (v.8, NVT). Eles estavam tão cegos pelo desejo de estarem certos e de se sobreporem ao próximo que não estavam se importando em ferir

e machucar uns aos outros: “uma inusitada cobiça por possessões os fascinava de tal modo que não eram capazes de abster-se de ferir uns aos outros.” (CALVINO, 2003, p. 182). Nisto, revela-se uma falta de empatia grande entre os irmãos de Corinto, onde cada um colocava o seu interesse, ou o seu direito, a frente dos demais. Ao mostrar o comportamento errado, Paulo está, a todo tempo, mostrando que a solução era praticar o oposto.

A IDENTIDADE DOS CORÍNTIOS EM CRISTO

Capítulo 6:9 ao 11

Exposto o problema dos coríntios, e já tendo falado sobre como eles deveriam agir para se corrigirem, Paulo relembra-os de quem eles eram em Cristo, o que é fundamental para que eles não apenas soubessem o que deviam fazer, mas tivessem de verdade a prática de vida que o Evangelho traz.

Paulo começa dizendo para que eles não se enganassem. Pois os injustos, idólatras, adúlteros, efeminados e sodomitas não herdarão o Reino dos céus. (v.9). No versículo 10 ele prossegue dando mais exemplos de identidades que não condizem com os filhos de Deus: ladrões, adúlteros, bêbados, maldizentes, etc. Repare que Paulo não está falando sobre aquele que roubou alguma vez, ou aquele que idolatrou alguma vez, ou aquele que se embbedou alguma vez. Paulo fala sobre aquele que vive na prática do pecado, aquele que tem a identidade de pecador. Aquele que tem a identidade de pecador não pode ser herdeiro do Reino dos Céus, porque para isso é necessário a identidade de filho de Deus. No versículo 11 Paulo os relembra que eles tinham a identidade do pecado, pois diz: “Alguns de vocês eram assim...” (v.11a, NVT). Paulo está lembrando que eles haviam tido uma identidade de pecado, que os separava de Deus e os impedia de herdar o Reino, porém, introduz que: “mas foram purificados e santificados, declarados justos diante de Deus no nome do nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.” (v.11b, NVT). O “mas” faz toda a diferença na vida dos coríntios, pois introduz a obra redentora de Cristo na vida deles, que os tira a identidade de pecado e lhes dá a identidade de filhos de Deus. Desse modo, ao lembrar-lhes das suas origens e do que eles são agora em Cristo, Paulo lhes mostra o caminho certo para a ação.

“Sua intenção é dizer que, uma vez haviam sido justificados, então não devem arrastar-se outra vez a uma nova condenação; havendo sido santificados, não devem contaminar-se outra vez; havendo sido lavados,

não devem macular-se com as imundícias da carne. Ao contrário, devem ir após a pureza, perseverar na genuína santidade e abominar as coisas imundas de sua vida pregressa.” (CALVINO, 2003, p. 187).

SENSUALIDADE CONDENADA

Coríntios 6:12-22

Não é novidade para nós que a cidade de Corinto era imoral e impura. Mas, o que temos visto é que a igreja estava assimilando o comportamento e o modo de pensar do mundo. Isso se aplica a questão da retórica e do culto a personalidade. Todavia, desde o capítulo 5, temos visto que isso também era uma realidade na área sexual. O versículo 12 esclarece de uma vez por todas essa realidade, pois quando Paulo introduz o argumento: “Todas as coisas me são lícitas” (v.12a, ARA), ele está citando um pensamento que fazia parte da sociedade e da igreja. Segundo Hernandes Dias Lopes era uma das premissas que sustentava a permissividade entre os coríntios. A igreja estava usando do pretexto da liberdade cristã para “fazer quase tudo”, disse Calvino (2003, p. 189). Logo, ao introduzir o que eles pensavam e utilizavam como desculpa para o pecado (“tudo me é lícito”), Paulo inclui imediatamente uma advertência: “Mas nem todas me convêm (...) eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (v.12b, ARA). Paulo diz que o pecado não deve nos dominar. O que nos lembra da máxima de que: a graça nos liberta não para pecar, mas para parar de pecar. Tudo indica que os coríntios estavam invertendo a ordem.

No versículo 13 Paulo introduz outro argumento que era usado pelos coríntios para justificar a licenciosidade: o sexo é para o corpo assim como o alimento é para o estômago.

“Os coríntios pensavam que assim como o apetite é natural e o corpo precisa de alimento, também o sexo era um desejo natural e precisava ser satisfeito. Para eles uma pessoa não podia reprimir seus apetites sexuais.” (LOPES, 2018, p. 118).

Paulo mais uma vez os corrige dizendo que o corpo não é para o sexo ilícito, a palavra usada é *porneia*. Sendo assim, o corpo não é para a *porneia*, mas para o Senhor. Aqui entra outro ponto interessante. Segundo a filosofia grega o corpo não servia para nada, era apenas uma prisão para alma. Sem valorizar os seus corpos, eles caíam ou no erro do ascetismo ou da libertinagem. No caso dos coríntios, caíram na libertinagem. Achavam que podiam fazer o que bem entendessem com o corpo já que este não possuía

nenhum valor. Porém, Paulo os adverte que o corpo tem valor para Deus, dizendo no versículo 14 que Deus irá ressuscitá-lo. Ele segue dizendo que nossos corpos foram comprados por Cristo e são membros dEle. Dessa forma, não podemos prostituí-lo, não podemos utilizá-lo para impureza.

Paulo encerra suas exortações nesse capítulo mostrando-lhes que deveriam fugir da prostituição (v.18), pois seus corpos eram templos do Espírito Santo. E, portanto, deveriam glorificar a Deus com os seus corpos (v.20).

Capítulo 8

POSSO OU NÃO POSSO?

Sabemos que em Corinto haviam muitos ídolos, deuses criados, imaginados e representados de alguma forma visual pelos homens. Nesse presente capítulo nos damos conta de algumas dificuldades da vida social dos cristãos entre os pagãos, que gira em torno da questão das carnes sacrificadas a ídolos.

A carne era uma das ofertas que os coríntios levavam aos templos de seus deuses, ela era sacrificada e oferecida aos ídolos. A questão é que muita carne que era oferecida aos deuses acabava sobrando nos templos, e era levada para o mercado comum. A carne que sobrava e ia para o mercado era sempre de boa qualidade, pois eles não queriam oferecer o pior aos seus deuses. Mas, ao mesmo tempo, a carne era vendida a um preço baixo, porque era sobra. Sendo assim, havia sempre carne boa e barata nos mercados, porém, sacrificadas a ídolos. A carne sacrificada também estava na casa de amigos e vizinhos, estava por toda parte, deixando os crentes preocupados com uma questão: É lícito comer carne? Muitos cristãos convertidos ao cristianismo viviam nessas práticas idolatras e preferiam se abster completamente de comer carne, para não correr o risco de estar comendo algo sacrificado à ídolos. Esses eram os “abstinentes” e legalistas”, os quais são chamados de “fracos” por Paulo (Referindo-se à consciência). O outro grupo, porém, argumentava que os ídolos não existiam, não passavam de invenção dos homens, e desse modo, não havia problema algum comer carne. Esses eram os “permissivos” e “libertinos”, os quais são chamados de fortes por Paulo (Referindo-se à consciência).

Desse modo, mais uma divisão ocorre na igreja, dessa vez, em torno da questão do poder ou não comer carne.

“O grupo que Paulo batizou de fracos, os que se abstinham totalmente de comer carne, chamava o grupo denominado de fortes, que comiam carne

em quaisquer circunstâncias, de crentes mundanos. E esses fortes chamavam os abstinentes, os fracos, de fanáticos, pessoas sem entendimento da verdade.” (LOPES, 2003, p. 152)

A semelhança do que acontece hoje, os crentes que achavam que podiam fazer determinada coisa eram chamados de “mundanos” e “permissivos”, ao passo que os crentes que são mais arredios e recatados são chamados de “fanáticos” e “lunáticos”. Vejamos então, como Paulo começa a tratar desse problema. É importante salientar que neste capítulo 8 Paulo não dá a resposta completa e definitiva a eles. Isso só ficará mais claro no capítulo 10. Porém, nesse capítulo, Paulo começa por repreender aqueles que são do grupo dos “fortes” de consciência.

“No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber. Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele.”(1 Coríntios 8:1-3)

Paulo não começa falando sobre o prejuízo do conhecimento sem amor por acaso. Ele está repreendendo desde já o grupo dos “fortes” pois eles não estavam tendo amor para com seus outros irmãos. Eles possuíam o entendimento de que os ídolos não eram nada, que não existiam, por isso quando comiam carne não sentiam peso na consciência. Julgavam ter um conhecimento mais elevado, que lhes trazia liberdade para agir dessa forma. Não queriam ser amolados pelos crentes que diziam que eram errados, e logo apelavam para o jargão da época “tudo me é lícito”, porém, como Paulo acrescenta novamente para eles na questão da carne: “nem tudo convém” (C.10 V. 23). Essa explicação do porque não convém começa a ser dada aqui no capítulo 8. Mas antes, Paulo demonstra que concorda com a teologia deles, de fato eles estavam certos ao pensar que os ídolos nada são.

No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas

as coisas, e nós também, por ele. Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se. Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos. (1 Coríntios 8:4-8)

Apesar de estarem certos teologicamente eles estavam agindo da maneira errada, pois não estavam se importando com aqueles irmãos que um dia tiveram “familiaridade (...) com o ídolo”, e que por isso tem “consciência (...) fraca”. Ou seja, por terem tido muito contato com os ídolos eles ainda associam muito a prática de comer carne sacrificada ao ato de idolatria ao ídolo em si. Faltava a esses irmãos “fortes” o carinho, o zelo, e o cuidado para não fazer com que esses irmãos tropeçassem em suas próprias consciências. Isto é, acreditando eles serem algo errado, serem conduzidos a realizar só porque eles estão fazendo. Observe a sequência:

Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo. (1 Coríntios 8:9-12)

Perceba que Paulo está exortando esse grupo para que eles não façam seus demais irmãos tropeçarem. O tropeçar aqui se refere ao outro grupo de consciência fraca ser induzido a “participar de comidas sacrificadas” mesmo acreditando ser errado. Em outras palavras, um irmão era levado a comer carne sacrificada a ídolo, mesmo acreditando ser errado, mas porque viu outro fazendo. Isso é fazê-lo tropeçar e pecar, porque por mais que não fosse pecado comer carne sacrificada a ídolo, a Palavra nos diz que tudo que não é de fé é pecado (Rm 14:23). Toda vez que agimos contra a nossa própria consciência, estamos de certa forma, cometendo pecado.

“E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo.” (1 Coríntios 8:13)

Paulo conclui dizendo que se fazer algo leva um irmão ao escândalo, e aqui escanda-lo significa fazê-lo pecar, então ele não comeria mais carne, por mais que pensasse que fosse correto. Paulo está falando com esse grupo que eles deveriam abrir mão do que lhes é de direito (segundo o pensamento deles) para o bem maior. E isso aconteceria se estivessem alicerçados em amor. No capítulo 9 Paulo dá o exemplo de que abriu mão de muitas coisas também, para mostrar a esse grupo como eles deveriam fazer.

Isso nos ensina muitas coisas. Em primeiro lugar que o amor aos nossos irmãos deve estar acima daquilo que acreditamos ser nossos direitos (o que faz consonância com o que abordamos no capítulo 6). E que o mais importante em uma comunidade cristã é a união e o amor entre os irmãos, que deve ser preservado a qualquer custo.